



Educomunicação em Comunidades de Aprendizagem Aproximação entre Comunicação Popular e Educação On-line¹

Ademilde Silveira Sartori²
Rafael Gué Martini³

Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências da Educação
Direção de Pesquisa e Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Educação.

Resumo

A partir da evolução das tecnologias de comunicação e informação, a educação à distância ganhou força e se expandiu como grande perspectiva pedagógica. As novas formas de aprender on-line exigiram novas posturas e relações entre professores e estudantes. Estas mudanças no relacionamento entre os atores dos processos de aprendizagem on-line estão relacionadas à conceitos de comunicação e à organização dos estudantes em comunidades on-line. Comunicação, educação e comunidades são conceitos que foram relacionados por Mário Kaplun, em seu livro *El Comunicador Popular* (1996). O presente artigo pretende relacionar e aproximar os conceitos latinoamericanos de comunicação ditados por Kaplun com os conceitos de educação apresentados por Pallof e Pratt (1999), em seu livro *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço*.

Palavras-chave

Educomunicação; Comunidades de Aprendizagem; Comunicação Popular; Ecossistema comunicativo.

1. Introdução

“A cada tipo de educacion corresponde una determinada concepcion y una determinada practica de la comunicacion.”
Mário Kaplun

A evolução das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação - NTCI's - fortaleceu seus usos para fins pedagógicos, especialmente na categoria de ensino a distância on-line. Não há hoje como falar em educação sem fazer referência às NTCI's. A cada dia surgem novos projetos ou mesmo instituições inteiramente dedicadas ao

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP 11 -Comunicação Educativa.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Chefe do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação e Coordenadora da UDESC Virtual do Centro de Educação a Distância, da UDESC.



ensino à distância (EAD) mediado por computador. Em função desta realidade, se verificou também na pesquisa um aumento considerável de publicações científicas que tratam deste fenômeno (PETERS, 2004). Uma destas publicações, que tem sido utilizada como referência, é o livro de Rena M. Pallof e Keith Pratt: “Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço, Estratégias eficientes para salas de aula on-line” (2002). Neste livro são expostos os fundamentos da EAD e o quanto esta nova forma de educação tem exigido novas posturas e um novo paradigma de aprendizagem.

No entanto, este estreitamento de relação entre comunicação e educação, agora intensificado pelos novos meios, já foi discutido em outros momentos por outros autores, mas em uma realidade diferente. Mesmo antes da realidade virtual e do ciberespaço, os conceitos de aprendizagem através da comunicação já eram uma prática de vida de profissionais como Mário Kaplun, radialista de formação prática que se transformou em um grande comunicador latinoamericano. Este autor, a quem se atribui a criação do termo educomunicação (SOARES, 2006), trabalhou em diversos países da América Latina com as comunidades camponesas e populares, sempre buscando as melhores práticas de comunicação para uma educação voltada à solução de problemas cotidianos. Em seu livro *El Comunicador Popular* (2006), que teve sua primeira edição em 1985, discutiu conceitos de comunicação e educação adequados para o correto desenvolvimento das comunidades de base. Estes conceitos se aproximam das atuais idéias apresentadas pela EAD, principalmente se compararmos as técnicas e definições de Pratt (2002) para comunidades no ciberespaço com as sugestões de interferência da comunicação nas comunidades populares, propostas por Kaplun (2006). A diferença mais evidente se localiza no campo tecnológico, com as comunidades do ciberespaço baseadas no uso do computador como meio e as comunidades populares preparadas para o uso de qualquer meio de comunicação disponível. Neste caso pode-se dizer que a segunda proposta é mais libertadora, porque prega o desenvolvimento de processos de aprendizagem independentes de tecnologias de alto custo, ainda inacessíveis à grande maioria da população. Na análise de Uribe (2006, p. 73) Kaplun “hace un llamado para que se valore más que la técnica o los materiales de aprendizaje, tanto el proceso que se

³ Mestrando em Educação, Linha de concentração Educação, Comunicação e Tecnologia pela UDESC. Jornalista com atuação na área socioambiental, associativa e empresarial, fotógrafo de audiovisual e iluminador profissional na área de EAD, televisão e teatro.



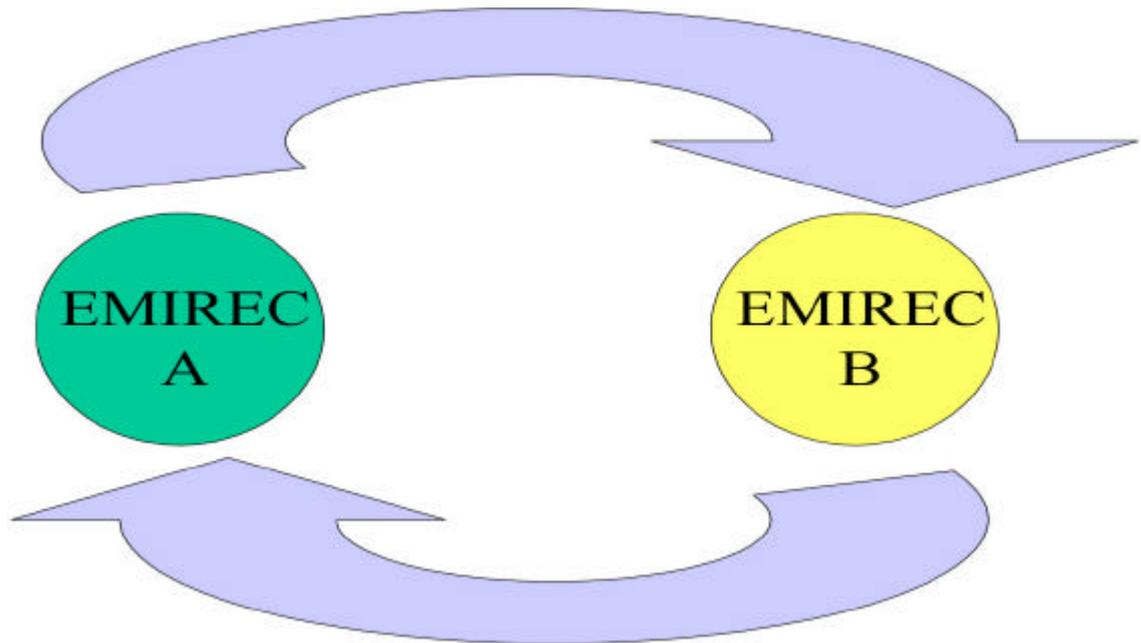
da durante su construcción como el crecimiento operado en los participantes neomissores”.

O que este artigo pretende é apresentar estas similaridades de conceitos e discutir de que forma se relacionam nas duas obras citadas e no contexto atual da educação e comunicação. O objetivo é o de reforçar a existência e necessidade cada vez maior de aprofundar os estudos no campo da Educomunicação, como forma de separar os frutos da evolução tecnológica das heranças do pensamento e experiências práticas de cientistas que, desde sempre, buscam integrar os seres humanos em processos de aprendizagem mediados por dispositivos de comunicação.

2. Os Textos Comparados

Para comparar as duas obras citadas é preciso recortar certos conceitos trabalhados em cada uma delas. Estes conceitos estão relacionados às categorias: comunicação, educação, comunidade, aprendizagem, comunicador popular, educador, estudantes, emissores, receptores, interatividade, dispositivos de comunicação.

Quanto aos modelos de comunicação propostos, Kaplun se apóia nos estudos de educação de Paulo Freire para propor a comunicação com ênfase no processo, prática que valoriza o diálogo como fundamental para a busca de objetivos comuns. Diferencia, portanto, a relação de compartilhar, de reciprocidade, de intercâmbio, de encontrar-se em correspondência relacionada ao verbo comunicar-se, ao diálogo; do ato simples de informar, transmitir ou emitir, relacionado ao verbo comunicar. Desta forma define que "comunicación es el PROCESO por el cual un individuo entra en cooperación mental con otro hasta que ambos alcanzan una conciencia común", (KAPLUN 2006, p. 68). Ao optar por esta definição de comunicação o autor abandona a noção linear e unidirecional (chamada de bancária) do esquema EMISSOR - MEIO - RECEPTOR, utilizando um termo novo, que é o amálgama de emissor e receptor: EMIREC. Atores da comunicação com ênfase no processo te reconhecidos o dom e a faculdade de emitir e receber mensagens. "No más emissores y receptores sino EMIRECS; no más locutores e oyentes sino interlocutores " (KAPLUN 2006, p.70). Este modelo pode ser representado de forma simplificada conforme o esquema abaixo, onde os interlocutores trocam mensagens em um ciclo bidirecional permanente:



Neste sentido, Pallof e Pratt, não vão definir claramente ou optar por um modelo específico de comunicação, até porque estão falando de educação. É importante ressaltar que este fato só vem a reforçar a proximidade dos campos da comunicação e educação. Durante todo o livro sobre a EAD se fala em diálogo, expressão, interação, interatividade, participação, colaboração sempre relacionado à educação. No entanto, é um vocabulário que se aplica a ambos os campos, sem prejuízo nas conclusões. A questão fica mais evidente se pensarmos que o processo da educação a distância on-line só é possível através da comunicação mediada por computador. E esta comunicação (educação, segundo os autores) não é mais unidirecional, bancária, na qual as mensagens do conhecimento vêm de um especialista, mas fundamentada nas "interações entre os próprios estudantes, as interações entre os professores e estudantes e a colaboração na aprendizagem que resulta de tais interações", (PALLOF; PRATT 2002, p.27). Ou seja, "os estudantes não são apenas responsáveis pela sua conexão, mas também devem contribuir com o processo de aprendizagem por meio do envio de mensagens com seus pensamentos e suas idéias (...) [assim], o processo de aquisição do conhecimento é criado colaborativamente" (PALLOF; PRATT 2002, p.28). Usando os termos de Kaplun, para demonstrar a similaridade dos conceitos, os EMIRECS estudantes e professores entram em cooperação mental através do diálogo, da interação, para chegar ao conhecimento - que não deixa de ser uma consciência comum acrescida de método científico. Durante todo o livro sobre as comunidades no ciberespaço, seus autores reforçam a importância da participação dos estudantes e da interação deles no



processo, para que se crie um ambiente de aprendizagem efetivo. No entanto os estudantes não estão sozinhos neste ambiente de interlocução, continua existindo a figura do professor, agora com novos papéis. A primeira característica que se transforma é a relação professor-estudante. No ambiente de aprendizagem virtual o conceito de que o meio de comunicação é a mensagem torna-se fundamental. Esta idéia foi apresentada por McLuhan (2005), originalmente em 1964, e se debruçou nas características dos meios e o quanto elas condicionam a produção e leitura das mensagens. Nesta perspectiva, no caso da mediação por computador, na análise de Pallof e Pratt:

(...) a disponibilidade e o número de interações pessoais são ilimitados apenas pelo tempo e pelo acesso, não pela distância ou pela classe social. Podemos criar, cultivar e manter relacionamentos sociais com qualquer pessoa que tenha acesso a um computador. As conexões ocorrem pela troca de idéias e de pensamentos. A aparência física e as características culturais, étnicas e sociais passam a ser fatores irrelevantes nesse meio, que tem sido chamado de "grande equalizador". (2002, p.37).

Desta forma, o meio computador influencia no tipo de relação e, portanto, nos diferentes papéis de alunos e professores na aprendizagem on-line. A comunicação se horizontaliza, o processo ganha maior relevância do que os conteúdos, a interlocução se sobrepõe ao direcionamento, toda a estrutura fica mais dependente da decisão consensual. O professor perde poder simbólico, mas ganha poder de articulação. Neste sentido, nas palavras de Pallof e Pratt:

No ambiente on-line, o papel do professor torna-se o de um facilitador. Assim, ele gentilmente conduz uma estrutura construída de maneira mais livre, uma espécie de conjunto que permite aos alunos explorar não só o material do curso, mas também materiais a ele relacionados, sem restrições. Isso não se faz por meio da tradicional aula expositiva, seguida de alguma forma de debate. Em vez disso, o docente pode trazer assuntos gerais para dentro do campo do conhecimento tratado, sobre o qual os alunos conjuntamente possam ler e fazer comentários, também podem fazer perguntas abertas para estimular o pensamento crítico sobre os assuntos discutidos. (...) Como parte desta função, o professor atua como animador, tentando motivar seus alunos a explorar o material mais profundamente do que o fariam na sala de aula presencial. (2002, p.38)

Como facilitador, o papel do professor é de organizar, animar e comunicar informações. Ele é também responsável por abrir espaços e estimular a socialização de aspectos pessoais vinculados a cada membro da comunidade. Mais do que isso ele vai

auxiliar na formulação pedagógica destas experiências, para que elas se adaptem melhor aos objetivos de aprendizagem pactuados coletivamente pelo grupo. O professor não deve perder de vista que "o processo educacional está centrado no aluno, com os aprendizes tomando a frente e determinando o ritmo e a direção do processo" (PALLOF; PRATT, 2002, p.39)

Avançando nas suas proposta, Kaplun também descobriu a relevância das idéias dos emirecs-alunos na comunicação com ênfase no processo. Por isso sugeriu "partir de la gente", definindo esta primeira etapa como pré-alimentação (*feed-forward*), numa crítica ao conceito behaviorista de retro-alimentação (*feedback*), oriunda da comunicação persuasiva com ênfase nos efeitos.

Proponemos llamar pre-alimentación a esa búsqueda inicial que hacemos entre los destinatarios de nuestros medios de comunicación para que nuestros mensajes los representen y reflejen. Por ahí comienza y debe comenzar un proceso de comunicación popular. (KAPLUN 2006, p.101)

Baseado nesta etapa do processo o autor afirma que a verdadeira comunicação não começa falando, mas escutando. Por isso a principal condição do bom comunicador é saber escutar. Escutar e conhecer os signos compartilhados pela comunidade para poder colaborar com o seu desenvolvimento coletivo que é circular e permanente, como ilustra o esquema:



Neste diagrama o Comunicador Popular, na perspectiva de Kaplun, tem a mesma função do professor que, em suas comunidades de "encarnados" (fazendo contraponto com a definição do estado de "desencarnados", atribuído por Pallof e Pratt (2002, p.33) aos participantes de comunidades on-line) vai igualmente desempenhar o papel de



facilitador do processo de educomunicação. Como no caso das comunidades de aprendizagem on-line, o comunicador vai escutar o relato das experiências pessoais e práticas dos destinatários (emirecs/alunos) para, após a formulação pedagógica (feita pelo comunicador - ou deveríamos chamar de educomunicador) retornar à eles suas próprias vivências e problemáticas, incentivando a reflexão através da objetivação coletiva do conhecimento subjetivo. Assim que o comunicador/facilitador propõe discussões e dinâmicas de grupo, promove a formulação pedagógica dos conteúdos discutidos, problematiza e colabora com a sensibilização para o pensamento crítico.

Neste ponto é que novamente se aproximam os conceitos de educação e comunicação. As mudanças nos papéis de professores e alunos das comunidades de aprendizagem on-line foram percebidas como igualmente necessárias no papel dos emissores e receptores, nas comunidades populares. No primeiro caso, mudanças forçadas pela característica do meio computador, utilizado como dispositivo de comunicação base. No segundo caso, as mudanças foram resultado prático das experiências com a comunicação popular promovidas por Kaplun, utilizando todo e qualquer dispositivo de comunicação disponível. Ambos processos objetivando a *educação transformadora*, na perspectiva de Pallof e Pratt, chamada de *educação com ênfase no processo* por Kaplun. Tipos de educação que podem ser consideradas idênticas ao comparar as definições dos autores: para Pallof e Pratt, o processo de aprendizagem transformadora ocorre quando o participante passa de estudante passivo, para alguém que assume a prática da reflexão (2002, p.161); Kaplun propõe que a educação com ênfase no processo tenha como principal objetivo, que o sujeito pense e que este pensar o leve a transformar sua realidade (2006, p.55).

Clareados os motivos que aproximam os conceitos, podemos fazer uma rápida comparação entre os métodos para se alcançar os objetivos educativos e de participação pretendidos em ambos casos.

Na Comunicação Popular:

- Ha de estar al servicio de un proceso educativo liberador y transformador. La comunidad ha de ir formando-se con ella, comprendiendo criticamente su realidad y adquiriendo instrumentos para transformarla.
- Ha de estar estrechamente vinculada a la organización popular.
- Y ha de ser una auténtica comunicación; es decir, tener como metas el diálogo y la participación. (KAPLUN 2006, p.85).



Na Educação On-line citamos os tópicos do capítulo 8 do livro de Pallf e Pratt (2002):

- Formulando um objetivo comum para a aprendizagem;
- Negociando as diretrizes;
- Enviando apresentações pessoais e aprendendo a ter expectativas;
- Estimulando o comentário sobre as apresentações pessoais;
- Formando equipes e enviando as diretrizes para o processo;
- Problemas, interesses e experiências: estratégias e recursos para a aprendizagem;
- Estimulando a busca de exemplos da vida real;
- Elaborando tarefas relacionadas a vida real
- O diálogo como questionamento;
- Estimulando o questionamento inteligente;
- Dividindo a responsabilidade pela facilitação.

Quanto aos dispositivos de comunicação, Pallof e Pratt falam das possibilidades de discussão síncrona e a assíncrona (2002, p. 26). Falando destes tipos de interação, autores pensam nas ferramentas do chat e dos fóruns virtuais. No caso destes últimos, Kaplun, utilizando um meio de comunicação disponível em sua época, o gravador de fita K7, desenvolveu um método de discussão assíncrona que, muito antes dos fóruns virtuais, promovia a interatividade entre as comunidades: o cassete-fórum. Ele partia da promoção de uma discussão síncrona sobre determinado tema, cujas conclusões eram gravadas em um dos lados de uma fita K7. O material era então enviado e escutado coletivamente por outro grupo e, a partir de nova problematização, se gravava o outro lado da fita com os resultados do aprofundamento do tema proposto. Tal era, na prática, a forma como se apresenta a comunicação com ênfase no processo, de uma forma simples, criativa e acessível à maioria da população. Um tipo de comunicação que é hoje, na EAD, o objetivo último de suas metodologias, porque promove o diálogo, a interação, a interatividade, a aprendizagem transformadora entre seus atores.

No entanto, é relevante destacar um detalhe contraditório logo no início do livro de Pallof e Pratt. Quando definem o *ensino a distância* como sendo o papel do professor e a *aprendizagem a distância* o papel do estudante. Levam a crer que o professor não aprende no processo. Isso é uma contradição, pois se o processo é fruto da interação entre toda a comunidade, também o professor, enquanto um participante do grupo, está



crescendo junto com todos e acrescentando repertório de soluções pedagógicas ao seu conhecimento didático. Se no processo da EAD não há mais comunicação unidirecional, ou seja, a comunicação deixa de ser bancária, conforme definiu Paulo Freire, todos são educadores/educandos e estão aprendendo. Assim se caracteriza que esta mudança de paradigma de educação, forçada pelas NTCI's utilizadas para construir comunidades virtuais de aprendizagem, acontece porque os meios on-line são muito mais suscetíveis às práticas de uma comunicação com ênfase nos processos. Confirmando a afirmação de Kaplun que atribui a cada tipo de educação um determinado tipo de comunicação correspondente. Dentro desta lógica fica impossível dizer que se está sendo libertador utilizando uma comunicação persuasiva, ou transformador se valendo dos métodos de comunicação com ênfase nos conteúdos (bancária).

Como exercício de metalinguagem sobre o processo, a EaD propõe que se criem fóruns de discussão sobre a própria tecnologia e os processos de aprendizagem a ela vinculados. Podemos comparar esta iniciativa com o pioneirismo de Kaplun ao incluir, como papel do Comunicador Popular, a discussão sobre a necessidade de uma educação para os meios. Foi ele o criador da primeira disciplina de educação para a comunicação na América Latina. Discutir a comunicação não é também discutir suas tecnologias? É tarefa também do facilitador, de acordo com Pallof e Pratt, fazer os participantes se sentirem à vontade com a tecnologia. "Isto contribui para uma sensação de bem-estar e, por conseguinte, para uma maior possibilidade de participação", (2002, p.41). Esta é uma proposta da aprendizagem transformadora e também da comunicação popular: que os alunos/emirecs/destinatários aprendam a aprender sobre a tecnologia e sobre si mesmos.

A EAD tem como conceitos-chave a honestidade, pertinência, respeito, franqueza e autonomia. Estes valores balizam o trabalho do educador/facilitador que tem que ser capaz de criar uma atmosfera de segurança e sentido de comunidade em todos os ambientes de ensino, sejam eletrônicos, sejam presenciais (PALLOF e PRATT 2002, p.43). Se pensarmos que qualquer comunidade humana pode ser considerada um ambiente de aprendizagem e, indo mais além, que toda comunidade forma um ecossistema comunicativo, – porque sobrevive da troca de experiências possibilitada pela comunicação – então o educador/facilitador coincide com o comunicador/facilitador. Na aproximação destas funções, o educador comunicador é o profissional capaz de fomentar o uso das melhores estratégias de comunicação para a integração, aprendizagem e fortalecimento da identidade das comunidades – sejam elas



de aprendizagem, de bairro, associativas, organizacionais. Além disso, este profissional será capaz de auxiliar na escolha e uso dos meios mais adequados à realidade destas distintas comunidades. Esta unificação de funções sugere alguns rumos, apresentados adiante.

3. Perspectivas

Pensando nas perspectivas de educação para toda a vida e de transformação de todo espaço comunitário em espaço de aprendizagem, a figura do educador se torna cada dia mais relevante na sociedade e pode adquirir o caráter de um Agente Comunitário de Comunicação, como possibilidade de política pública, o que seria a resposta à necessidade cada vez mais urgente de uma educação para os meios com vistas à integração comunitária local (MARTINI, 2005). As competências deste novo agente público são alicerçadas no campo da educação, uma vez que este campo se constitui como interface entre a comunicação, o processo pedagógico e a criação do conhecimento nos diversos espaços da sociedade pós-moderna, notadamente nas lutas pela cidadania e pela inclusão digital.

Na sala de aula, uma comunicação bancária torna a intensidade dos relacionamentos sociais menos relevante. Esta atitude de um professor que ensina para alunos que aprendem, não permite o aprofundamento porque coloca o professor em uma posição superior. Como o meio computador tem um potencial de equalização, a hierarquia se dilui e os vínculos de sociabilidade passam a ser importantes. Reforçar estes vínculos é possível através de uma comunicação que não negue sua raiz comum com comunidade, pois ambos conceitos vem da palavra latina *communis*: por algo em comum com o outro. Este é justamente o objetivo das técnicas propostas por Pallof e Pratt para uma melhor integração das comunidades de aprendizagem no ciberespaço. Todo o esforço na EAD é empreendido para que o participante se relacione com os demais membros de turma, que divida experiências, compartilhe fracassos ou alimente novas dúvidas. “Colaboração, objetivos comuns e trabalho em equipe são forças poderosas no processo de aprendizagem” (PALLOF; PRATT, 2002, p.38). Estes valores são igualmente importantes na comunicação popular proposta por Kaplun, que logrou bons resultados de interação utilizando outros dispositivos de comunicação menos avançados que o computador – como o gravador de fita K7, por exemplo.



A partir da verificação destas similaridades e comparando as duas realidades – o ambiente comunitário virtual e as comunidades populares – se deduz que o mais importante nos dois processos não é a atualidade da tecnologia, mas a forma como ela é utilizada pelos professores ou comunicadores. Os meios possuem características que podem sugerir usos mais ou menos alinhados com um processo de aprendizagem transformador, mas a opção por este processo será sempre de quem está coordenando. O professor ou comunicador deve estar disposto a assumir o papel de facilitador, do contrário, independente do meio utilizado, se repetirá a prática de uma educação ou comunicação bancária.

Pensando nesta circunstância e lembrando de Barbero (2003), para quem o maior desafio que a comunicação propõe à educação é o da inclusão social no novo *ecossistema informacional e comunicativo*, é que ressaltamos a importância de incluir na pauta das reivindicações públicas o investimento em Agentes Comunitários de Comunicação. De nada adianta entregar à sociedade, através das escolas e de organizações civis, NTCI's de última geração se não houver recurso humano capaz de potencializar seus usos no sentido da inclusão. O Agente Comunitário de Comunicação pode ser um agente público, formado no campo da educomunicação, que potencialize o uso das NTCI's para a aprendizagem transformadora nas comunidades públicas escolares, de saúde, de justiça e também junto às organizações civis que recebem apoio governamental. Este profissional pode atuar na promoção da educação para o uso de diversos meios que, em função do barateamento da tecnologia, encontram-se hoje cada vez mais acessíveis. O computador não é o único meio com o qual é possível promover a aprendizagem transformadora. Para que se torne um meio atrativo, ele depende de outras tecnologias como as máquinas fotográficas, gravadores de MP3, filmadoras digitais. A articulação deste conjunto de tecnologias disponíveis, somada ao potencial de imaginação das comunidades, pode resultar em processos de aprendizagem transformadores e autônomos – disparados por educadores treinados para não querer controlar os processos.

Referências bibliográficas



AGUIRRE, Jesús Maria. **Kaplún, pesquisador**. Ultrapassando a Pesquisa-denúncia. Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

BARBERO, Jesús Martín-Barbero. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In Por uma outra comunicação. MORAES, Dênis de (org.). Rio de Janeiro: Recrd, 2003.

BORTOLIERO, Simone. **Kaplún, educador biografia de um visionário**. Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). São Paulo. Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
_____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GAIA, Rossana V.. **A escola como espaço de reflexão midiática, forjando cidadãos críticos**. Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). São Paulo. Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 1992.

KAPLÚN, Gabriel. **Kaplún, intelectual orgânico. Memória afetiva**. Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular**. Buenos Aires: Lumen-humanitas, 1996.

MARTINI, Rafael Gué Martini. **Gestão Comunitária de Comunicação – Estudo de Caso do IDA/CEFLURIS**. Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo. Unisinos, São Leopoldo; 2005.

_____. **Gestão Comunitária de Comunicação**. In **UNIrevista**, Vol. 01 n°02 (julho de 2006). Disponível em http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Martini.PDF.

MELO, José Marques de et al. **Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún**. São Bernardo do Campo. Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

PALLOF, Rena M.. Pratt, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educom.rádio, na trilha de Mário Kaplún**. in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

URIBE, Esmeralda Villegas. **Kaplún radio apaixonado: fortalecendo o pragmatismo utópico**. Artigo in Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. MELO, José Marques de et al (orgs). Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.